

Consultor sugere abertura externa

PORTO ALEGRE

O consultor de empresas norte-americano John Naisbitt, autor do best-seller *Megatendências* (sete milhões de exemplares vendidos em 18 países), afirmou ontem que, "como a oitava economia mundial, o Brasil não pode ter a exagerada preocupação com a soberania econômica, pois isto é coisa do passado, e faz parte de um mundo antigo como o da Albânia, que montou sobre ela uma enorme cerca de proteção, levando sua economia a um contínuo retraimento". Ele defende para o Brasil a "globalização de sua economia, aproveitando a diversificação do sistema de produção".

Mas salientou: "É fundamental que o governo abra as portas do País para o capital estrangeiro e dê todo o espaço

para os empreendedores agirem livremente, sem restrições".

Embora tenha chamado a atenção para a sua condição de observador distante da economia brasileira, Naisbitt criticou os políticos de xenofobistas. "No mundo moderno, os governos e os políticos têm que ser ouvidos, buscando sempre as soluções dos problemas econômicos, não postergando", disse. Para Naisbitt, as autoridades brasileiras deveriam seguir o exemplo de Margaret Thatcher, que teve a coragem de fazer mudanças, e hoje a Inglaterra tem uma economia vigorosa, depois de passar por momentos difíceis. No seu entender, a "paranóia econômica não tem o menor sentido, pois o importante é estar integrado à economia mundial, não excluído", disse a uma seleta platéia de empresários gaúchos, reunidos ontem em Porto Ale-

gre, numa promoção da Amaná — desenvolvimento e educação.

O Brasil, segundo Naisbitt, "tem um potencial econômico extremamente grande, e nem um país do mundo se iguala a ele". Ele chegou a comparar o Brasil atual aos Estados Unidos do início do século, quando apresentavam um vasto espaço para crescer. Mas, para que o País "detonasse", é fundamental que as autoridades equacionem o grande problema da dívida externa, do déficit público e a dívida social com a população empobrecida.

Apontou a necessidade de os sindicatos de trabalhadores do País se reformularem. Afirmou que, nos EUA, no pico da era da industrialização, havia 40% do contingente de trabalhadores sindicalizados, e hoje apenas 11%, com as negociações salariais livres.